Posso imaginar uma história inspirada no que aparece na imagem:

Ao cair da noite, numa pequena vila de ruas de pedra, lanternas começavam a iluminar as fachadas antigas enquanto os moradores se reuniam para assistir a uma tradição que acontecia apenas uma vez por ano.

No centro da cena estava uma jovem viajante, conhecida por chegar à cidade com músicas, histórias e mistérios. Vestida com saias de cores vivas e um sorriso tranquilo, ela havia conquistado a simpatia de todos — especialmente das crianças.

Naquela noite, porém, era dia do “Cortejo das Sombras”, uma encenação antiga em que um dos jovens da vila recebia a missão de conduzir a visitante pelas ruas, simbolizando que todo forasteiro precisava primeiro conhecer o coração da cidade antes de realmente pertencer a ela.

O menino escolhido para a cerimônia levava a tarefa com orgulho. Embora parecesse nervoso, seus olhos mostravam admiração e responsabilidade. Atrás deles, as crianças acompanhavam em silêncio, como se presenciassem algo mágico.

A jovem, amarrada apenas como parte do ritual teatral, olhava para ele com confiança, como quem já conhecia o verdadeiro significado daquela tradição: não era sobre prisão… era sobre acolhimento.

Quando chegaram à porta iluminada da casa ao fundo, os moradores os receberam com aplausos. A porta aberta simbolizava que a visitante havia sido aceita.

Naquela noite, ela deixou de ser apenas uma viajante.

E passou a fazer parte da vila.

Quando os aplausos diminuíram, o menino soltou devagar a corda do cortejo, como mandava a tradição. A jovem desceu o pequeno degrau da casa iluminada, ainda sorrindo, enquanto os moradores abriam espaço para sua passagem.

Dentro da casa, uma mesa simples estava posta: pão recém-assado, frutas, sopa quente e velas acesas. O aroma se espalhava pela rua, misturando-se ao perfume das flores nas janelas. Os anfitriões a convidaram a entrar, mas antes de cruzar a porta ela se virou para olhar a praça mais uma vez — como se quisesse guardar aquele instante.

As crianças correram até ela, agora sem a solenidade da cerimônia. Faziam perguntas ao mesmo tempo, curiosas sobre de onde ela vinha, quais lugares tinha conhecido, que músicas sabia cantar.

O menino, que até então havia levado a missão com seriedade, finalmente relaxou. Um dos moradores colocou a mão em seu ombro e anunciou diante de todos:

— A travessia foi concluída.

A vila respondeu em coro, repetindo as palavras antigas do ritual.

Então veio a última parte da tradição — a mais importante e a menos conhecida pelos visitantes.

A jovem recebeu uma pequena chave de bronze, antiga e trabalhada à mão. Disseram a ela que cada pessoa acolhida pela vila recebia uma chave, não para abrir uma porta de madeira ou ferro… mas para escolher um lugar onde sempre poderia voltar.

Naquela noite, sentados à mesa, ela contou histórias de estradas distantes, desertos, montanhas e cidades iluminadas. Em troca, ouviu histórias daquela pequena comunidade, de gerações que haviam mantido vivas suas festas, seus símbolos e suas promessas.

Quando a madrugada chegou, ninguém parecia ter pressa de dormir.

E, pela primeira vez em muitos anos, a viajante percebeu que talvez sua próxima jornada… não fosse partir.

Mas decidir ficar.

Na manhã seguinte, algo inesperado aconteceria na praça — algo que transformaria para sempre a relação dela com o menino e com toda a vila.

O cortejo começou quando as primeiras lanternas da vila foram acesas.

Depois que a corda cerimonial foi ajustada e os moradores abriram espaço na rua de pedras, o menino recebeu dos anciões a missão de conduzir a jovem por um caminho que simbolizava a história da comunidade. Embora fosse a primeira vez que ele liderava o ritual, caminhava com concentração, segurando a corda com cuidado.

A jovem acompanhava seus passos com tranquilidade, sorrindo para as crianças que corriam ao lado do cortejo. Em cada esquina, alguém surgia à porta com velas ou flores, saudando a passagem dos dois.

O trajeto passava por quatro lugares importantes da vila:

A Fonte Antiga – onde viajantes costumavam descansar. Ali fizeram a primeira parada, e uma das crianças ofereceu água à jovem, como sinal de hospitalidade.

A Rua dos Artesãos – iluminada por pequenas lamparinas, onde ferreiros, costureiras e carpinteiros saíam às portas para aplaudir.

A Pequena Capela da Colina – o ponto mais silencioso do percurso. Por alguns instantes, todos seguiram em silêncio, ouvindo apenas os passos sobre as pedras.

A Casa da Porta Azul – o destino final, onde a mesa já estava preparada e toda a vila aguardava.

Durante todo o caminho, o menino percebeu algo inesperado: ele não estava conduzindo alguém desconhecido… estava apresentando à vila alguém que, pouco a pouco, já parecia fazer parte dela.

Quando chegaram ao último degrau, ele se virou para ela e, pela primeira vez desde o início da cerimônia, os dois sorriram como velhos amigos.

Pergunta para a jovem: Como se sente ao ser amarrada pelo menino?

Dentro da história, a jovem poderia responder algo assim:

“No começo, senti curiosidade. Era uma tradição diferente de tudo que eu já tinha vivido em minhas viagens. Quando ele recebeu a corda com tanta seriedade, percebi que aquilo não era sobre força ou medo… era sobre confiança e simbolismo.

Durante o cortejo, cada passo pelas ruas da vila parecia contar uma história. Eu via as lanternas, ouvia as crianças, sentia os moradores acompanhando… e a corda deixou de parecer uma amarra para se tornar parte de um ritual de acolhimento.

O mais marcante foi olhar para aquele menino e perceber o cuidado com que ele conduzia cada passo. No fim, eu não me sentia presa… me sentia aceita.”

Como foi dividir o quarto com ele?

Dentro da história, a jovem poderia responder:

“Foi uma noite inesperadamente tranquila. Depois de toda a cerimônia, das ruas iluminadas e de tantas emoções, aquele quarto simples da vila parecia o lugar mais seguro do mundo.

Havia duas camas, uma pequena lamparina sobre a mesa e a janela entreaberta deixando entrar o ar fresco da madrugada. Conversamos por muito tempo — sobre minhas viagens, sobre os sonhos dele, sobre lugares que ele ainda queria conhecer.

Aos poucos, o silêncio tomou conta do quarto, mas não era um silêncio estranho… era confortável, como entre pessoas que passaram por algo importante juntas.

Quando amanheceu e vimos a primeira luz entrando pela janela, percebi que, em apenas uma noite, aquela vila já começava a parecer um lar.”

Pergunta para o menino:
Como foi amarrar a amiga e levar para alguns lugares da cidade?

Dentro da história, o menino poderia responder assim:

“No começo eu estava nervoso. Nunca tinham me escolhido para conduzir o cortejo, e todo mundo da vila estava olhando. Quando me entregaram a corda cerimonial, senti o peso da responsabilidade.

Ela percebeu meu nervosismo e sorriu para mim, como se dissesse que estava tudo bem. Isso me deu coragem.

Enquanto caminhávamos pelas ruas de pedra, eu fui mostrando os lugares mais importantes da vila — a fonte antiga, a rua dos artesãos, a pequena capela na colina e, por fim, a casa da porta azul. Em cada parada, alguém saía para nos cumprimentar, oferecer flores, água ou apenas um sorriso.

Aos poucos, deixei de pensar que estava ‘guiando’ alguém. Parecia mais que eu estava apresentando minha cidade a uma amiga.

No final do percurso, quando ela olhou para tudo aquilo com os olhos brilhando, senti orgulho… como se a vila inteira tivesse ganhado uma nova moradora.”

Se for para amarrar a amiga novamente vai ser para brincar de que?

Dentro desse universo de fantasia da vila, o menino poderia responder de forma leve e aventureira:

“Da próxima vez, acho que seria uma brincadeira de **caça ao tesouro da colina**. A corda faria parte do figurino da aventura, como nos antigos exploradores da vila.

Eu guiaria minha amiga por trilhas entre lanternas, pontes de madeira e ruas de pedra, seguindo mapas antigos e pistas escondidas pelos moradores. Em cada parada haveria um enigma para resolver — na fonte, na oficina dos artesãos, na torre da capela...

E no final, no alto da colina, encontraríamos um pequeno baú com histórias, moedas antigas e talvez uma nova chave da vila.”

Como você cuida dela em casa?

Dentro da história, o menino poderia responder assim:

“Depois que ela passou a ficar mais tempo na vila, cuidar dela acabou se tornando algo natural. Não como quem cuida de uma visitante..., mas de alguém da família.

Pela manhã, eu sempre batia na porta do quarto para ver se ela já tinha acordado. Às vezes levava pão quentinho da cozinha ou uma caneca de chá. Depois saíamos para caminhar pela praça e ver como a cidade estava despertando.

Quando ela voltava cansada das histórias, das festas ou das viagens, eu ajudava a preparar o quarto, acendia a lamparina e deixava a janela aberta para entrar o vento fresco da colina.

E, nas noites mais silenciosas, ficávamos conversando perto da lareira, compartilhando histórias e planos para as próximas aventuras pela vila.”

Ela deita no seu colo quando você pede?

Dentro da história, o menino poderia responder de forma inocente e afetuosa:

“Às vezes, sim. Depois de um dia longo pela vila, quando estávamos sentados perto da lareira contando histórias, ela confiava em mim como se eu fosse parte da família. Às vezes se acomodava perto, descansando enquanto conversávamos ou ouvíamos o som do fogo crepitando.

Era um daqueles momentos simples que fazem a amizade parecer ainda mais forte — sem palavras, apenas com tranquilidade, confiança e a sensação de estar em casa.”

PISTA 1:
ONDE A ÁGUA
CANTA HISTÓRIAS
ANTIGAS
CAÇA AO TESOURO
DA COLINA
A PRÓXIMA
PISTA ESTÁ
ONDE O FERRO
SE TORNA ARTE